

Foi com alguma pompa e circunstância que foi anunciado na última Assembleia Geral da Federação o maior orçamento da história da Federação Portuguesa de Basquetebol, num valor de 11 milhões de euros. Este orçamento foi aprovado por unanimidade.

Quem lê com assiduidade os meus artigos já deve conhecer a minha máxima: Diz-me onde gastas o dinheiro e eu dir-te-ei o que é importante para ti. Não são as bonitas palavras, não são os bem-intencionados projetos que se ficam pelo papel, que desenvolvem e fazem crescer o minibásquete. São como referi no meu último artigo, as ações levadas a cabo, é onde o dinheiro é investido, que traduzem o que é verdadeiramente importante na perspetiva da Federação. A aprovação por unanimidade do último orçamento dá a entender que todo o universo dos agentes que constituem a Assembleia Geral estão de acordo com as opções da Federação, pelo que muito irei estranhar se eventualmente ouvir falar de críticas, à direção da Federação, por quem esteve presente na última Assembleia Geral.

Não sei, num montante de 11 milhões de Euros, qual foi a fatia que ficou destinada ao minibásquete, que é um universo, que constitui em muitos casos, um contributo significativo, para a sobrevivência dos clubes. É fácil fazer contas, se considerarmos que há cerca de 10 mil crianças a praticar minibásquete, se considerarmos que estas pagam por baixo em média 10 euros por mês, se considerarmos que pagam durante 10 meses numa época, estamos a falar de 1 milhão de euros. Aqui estou apenas a falar do investimento direto das famílias, não estou a falar dos apoios indiretos, no qual o transporte para os jogos tenha talvez o maior peso, nem de outras fontes como os apoios autárquicos e governamentais, que são atribuídos em nome do minibásquete.

Se verdadeiramente queremos mais e melhores condições para o crescimento e desenvolvimento do minibásquete tem de haver investimento, pois sem investimento dificilmente há crescimento e desenvolvimento.